

Índice

Prefácio	7
A Alma dos Ricos	
Prólogo	25
I. Pontos Essenciais do Pensamento Pré-Histórico	29
II. A Passagem das Codornizes de Madrugada	55
III. As Bouças	89
IV. Lições Inacabadas	121
V. A Interpretação dos Sonhos	151
VI. A Vida Privada dos Deuses	179
VII. Em Defesa de Herodes	213
VIII. Um Banco Verde no Jardim	243
IX. Para que Saibam O Que Se Passou no Túnel	271

Prólogo

Há um lugar chamado *O Anjo* que era escolhido como passeio de turma para premiar o bom comportamento moral e escolar das alunas do colégio. A beleza do ermo com algumas rochas e tufos de flores que variavam conforme as estações não deixava de surpreender as crianças, que estavam nessa idade insubmissa e sonhadora muitas vezes precursora de infelicidade.

O Anjo, num dia de Primavera, sendo já adiantado o mês de Maio, mostrava-se resplandecente de luz, variado de cores ternas, singular no seu silêncio. Ao longe rangia uma nora debaixo dum pé de vinha que começava a enfolhar. Os cães correspondiam-se com ladridos espaçados; uma tristeza em que havia a saudade duma festa acabada presentia-se no ar. Era arrebatador, como sinal dum acontecimento que vai decidir da nossa vida.

Uma menina de nome Alfreda, que vestia um bibe preto com cinto igualmente preto, o que a distinguia do cinto vermelho das externas, olhou em volta, como a lembrar-se dum lugar semelhante. É um fenómeno que ocorre muito às pessoas mas que tem sempre qualquer coisa de maravilhoso. «Se eu visse agora a Virgem Maria, não era senão justo, equitativo e saudável» — pensou a menina, com um espírito que não era da sua idade. Tinha onze anos e as palavras que empregara vinham directamente da linguagem religiosa aprendida e que soava com uma certa teatralidade. Ela e a irmã, Noémia, gostavam de empregar essas palavras como prova de casta, um pouco ironicamente. Mas Noémia era diferente, com cabelos pretos que nunca cortara, tinha olhos dum azul-escuro quase inacreditável. Uma cova na comissura da boca formava-se quando ela falava.

Estavam ali mais de vinte crianças, mas as duas irmãs, embora com uniformes pretos como as outras, notavam-se por uma amabilidade que não escondia uma forma de sensualidade. Eram muito ricas e, quando se tratava de gozar umas férias, um fim-de-semana ou um dia de anos, vinha buscá-las uma limusine preta cheia de cromados cintilantes. Tinham no colégio um lugar à parte, mas não se podia dizer que fosse privilegiado. As mestras não as favoreciam mas também não «puxavam» por elas, sabendo que não estavam destinadas a uma vida de trabalho e de surpresas dolorosas. A maior parte das raparigas eram filhas de lavradores de moderada fortuna ou de funcionários de pequenos rendimentos. Só elas gozavam dum estatuto em que cabia a fábula, o menosprezo e o encantamento. Os ricos não são pessoas muito sós, como é costume dizer-se. Sobretudo as raparigas novas vivem em companhia, com as suas governantas estrangeiras e um bando de primos, de visitas da casa, que fazem uma corte em volta delas. Vestem e comem dentro duma certa excentricidade que não é do gosto ou das possibilidades do vulgar das pessoas. A avó Silva, a única que se podia dizer que trouxera à família um toque aristocrático, falava de como havia sempre gelo às refeições e um aparelho de fazer sorvetes na copa. A copa era uma dependência de ricos, com um *sideboard* cheio de pudins e aperitivos como cebolinhas em vinagre e molhos variados. Também havia tâmaras e fatias de casca de laranja cobertas de chocolate. Tudo o que refinava um paladar e o fazia exigente. Seis qualidades de manteiga estavam dentro de taças de cristal. Manteiga dos Açores, manteiga da Normandia ou feita com sal do mar, e outras de sabor de alho, de anchovas, de ovas de lagosta, que se comem com pão, com queijo ou com um simples grelhado de carne. Podia-se escrever sobre a manteiga um poema como a *Odisseia* e não é de estranhar que o jovem Macaulay, o historiador, a tivesse como referência da sua vida espiritual.

As duas irmãs não pertenciam à comunidade de alunas e professoras. Ficavam à parte, aduladas, sim, mas sobretudo marcadas por uma desconfiança tortuosa que dará os seus frutos e nem sempre de maneira que se diga agradável. Não é raro que as raparigas muito ricas escolham maridos pobres e que as limitem nas ambições. Chama-se a isso voltar ao pão seco, que pode constituir um desejo inspirador nas mulheres.

O pai das duas meninas (havia também um rapaz, Eduardo) pertencia ainda à classe dos industriais de pano branco que se estendiam pelas margens do rio Ave com uma regular variedade de apresentação. Uns eram ricos com obstinação da consideração social, obtinham um título papalino e faziam-se solitários na sua terra onde o passado modesto lhes pesava como chumbo. Outros, como no caso de Amílcar da Barca, nunca rejeitavam nem os gostos nem as fraquezas, fiéis aos pratos tradicionais e ao pão de milho com chouriço. Educavam tão bem os filhos que se lhes tornavam estranhos.

Contudo o Amílcar da Barca teve o critério romanesco de se casar com uma Silva de Lanhoso, esta de casa apalaçada cujos telhados estavam uma ruína. A ruína dos telhados leva às vezes a alianças inesperadas.

As Silvas de Lanhoso eram de facto boas mulheres, mas completamente intragáveis quando se tratava de etiqueta. Tinham sempre um moço ao lado que levava o banquinho para os pés, na missa, e a escalfeta para o teatro. Chamavam-lhe o mandarete. Ninguém falava à mesa antes de a Silva se assoar estrondosamente depois de comer a sopa. Não era uma déspota; era um relógio de carrilhão.

A impressão que teve Alfreda no lugar do Anjo ia desenvolver-se pela vida adiante e tornar-se uma cultura da alma que o mundo quase desconhece. Um único amor, pretensão e ordem a habitou desde então: o de ver a Virgem entrar em casa dela e ambas se cumprimentarem como amigas, sendo seguida a Senhora pelas suas cinco criadas que levavam presentes e um guarda-sol de popelina branca. Estas imaginações começaram aos onze anos, no lugar do Anjo, num dia em que a tarde caía e as mestras juntavam já o pequeno bando de alunas de bibe preto.



CAPÍTULO I

Pontos Essenciais do Pensamento Pré-Histórico

As trevas dão dificilmente respostas claras. Quando José Luciano foi preso, os primeiros dias, passou-os numa euforia inacreditável. Pensava que o tinham confundido com alguém e que depressa o erro ia ser esclarecido e ele saía em liberdade. Um pouco maltratado no seu orgulho mas não o bastante para se sentir marcado para o resto da vida. Não podia admitir que o seu cadastro estava feito e que daí em diante nada lhe conferia direito social. Pertencia ao mundo da delinquência como o sedutor ao mundo das suas proezas.

Não sendo um verdadeiro criminoso, o Touro Azul tinha sido apanhado pela rede ilimitada da marginalidade que só o crime contempla. Daí em diante não haveria cura para ele. A sua própria mãe o rejeitava sem o saber. Chorava, mas sem verdadeira contrição, e nessa dor que era de compromisso estava a sua rejeição. Mandava-lhe presentes como se ele fizesse anos, mas não o provia dum conforto maior que é a paixão pelo sofrimento do filho. José Luciano compreendeu que Celsa Adelaide se tornara uma sua inimiga porque lhe imputava a mudança das coisas. A morte de António Clara, em primeiro lugar. Era uma dor intolerável, a morte daquele filho que nunca reclamara como seu. Decerto se ele, por qualquer razão, por mais absurda que fosse, voltasse, como Jesus com as chagas abertas, ela não seria abandonada pela dor que se tornara natureza dela própria e mais querida que o objecto da dor.

Nos primeiros tempos, José Luciano não deu atenção a nada do que o rodeava. Não reparava nas caras dos detidos nem dos guardas,

eram para ele uma paisagem desfocada. Tinham-no recebido com uma espécie de torpe escândalo, fazendo ver que ele era alguém de que não se queriam ocupar. Se o escândalo tem o mérito de fazer aparecer a diferença, como disse um filósofo, o escândalo explodiu com a chegada de José Luciano. A beleza dele comovia os mais jovens e enchia-os de desespero porque não lhe atribuíam nenhuma culpa. Só a beleza escapa a ser culpada.

O próprio director da prisão teve alguma dificuldade em lidar com os seus sentimentos. «Não vou deixar-me influenciar» — pensou. Mas isto era muito problemático porque o Touro Azul estava lá e estaria durante muitos dias e noites. Teve um movimento, que era acertado, de fazer transferir José Luciano para outra prisão. Mas não encontrou, ou não quis encontrar, motivo para o fazer. Era um homem baixo e que colecionava cactos. Sabia os nomes de todos eles em latim e isso dava-lhe grande satisfação. Parecia amável mas, como aqueles que partilham do escândalo, era um homem perverso e contraditório. A contradição é o condimento da perversidade, o sal e a pimenta da sua memória.

Quando Touro Azul se apercebeu de que estava condenado, que era um prisioneiro mais naquela instituição, chorou com amargura. Ninguém o viu chorar, mas derramou muitas lágrimas. Os seus bonitos fatos de flanela eram o que mais lamentava; mais até do que as amantes que contribuía para se ter tornado um autodidacta do belo. Gostava de as descobrir para o ofício e punha nisso uma espécie de alegria repartida pelos horizontes da sua competência. Estar numa esplanada, ao fim da tarde, com uma mulher bonita era uma forma de oração, se é que isto pode ser dito assim. Mas há quem diga que ganhar dinheiro é uma forma de oração, e coisas pelo estilo. O fim da tarde, num café da Praça de São Marcos, em Veneza! Acodem lá as mais extraordinárias prostitutas do mundo, vestidas com um gosto exuberante e fino, como só as italianas sabem. José Luciano tinha diante dele uma isca de fígado e duas ou três batatas peladas com mãos grosseiras e, provavelmente, sujas. Comia sem desprezo a sua razão e uma coisa o favorecia: sem ter lido os estóicos, sabia agora que o que acontecera não podia ser emendado. A necessidade faz os homens impassíveis. Pelo menos, os homens que esperam ainda alguma coisa deles e dos outros.